

al. madam

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

especial

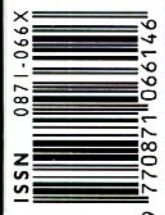
O ENSINO DA ARQUEOLOGIA e o Processo de Bolonha

A Arqueologia Low-cost:
fatalidade nacional ?

O Homem de Neandertal
e a genética molecular

Menires de Reguengos de Monsaraz:
património ameaçado

al. madam | nº 14
outubro 2006
12 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

r e s u m o

Os autores apresentam os resultados da escavação do sítio do Fariseu, na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa (Vila Nova de Foz Côa, Guarda), integrado na lista do Património Mundial da Unesco pela expressiva presença de manifestações de arte paleolítica ao ar livre. Pela primeira vez, foi possível obter a datação absoluta dos níveis arqueológicos que selavam um dos painéis gravados, ao mesmo tempo que se identificava o maior conjunto de arte sobre suporte móvel conhecido em território português, directamente associado a vestígios de fauna do Paleolítico superior.

p a l a v r a s c h a v e

Paleolítico superior; Arte rupestre.

a b s t r a c t

The authors present the results of excavations at the Fariseu site, in the area of the Vale do Côa Archaeological Park (Vila Nova de Foz Côa, Guarda), which has been classified as World Heritage by Unesco due to the importance of its Palaeolithic outdoor art.

For the first time, it was possible to obtain absolute datings of archaeological layers which had sealed one of the engraved panels. It was also possible to identify the most important set of Palaeolithic mobile art known in Portugal, which is directly related to vestiges of Upper Palaeolithic fauna.

k e y w o r d s

Upper Palaeolithic; Rupestral Art.

r é s u m é

Les auteurs présentent les résultats d'une fouille sur le site du Fariseu, dans la zone du Parque Archéologique du Vale do Côa (Vila Nova de Foz Côa, Guarda), l'intégrant à la liste du Patrimoine Mondial de l'Unesco de par l'expressive présence de manifestations d'art paléolithique à l'air libre.

Pour la première fois, il est possible d'obtenir la datation absolue des niveaux archéologiques qui scellaient un des panneaux gravés, et on identifie en même temps le plus grand ensemble d'art sur support mobile connu sur le territoire portugais, directement associé à des vestiges de faune du Paléolithique supérieur.

m o t s c l é s

Paléolithique supérieur; Art rupestre.

Primeira Datação Absoluta Para a Arte Paleolítica ao Ar Livre

os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa)

por Thierry Aubry, Luís Luís e Jorge Davide Sampaio

Parque Arqueológico do Vale do Côa / Instituto Português de Arqueologia (taubry.pavc@ipa.min-cultura.pt; luisluis.pavc@ipa.min-cultura.pt; jsampaio.pavc@ipa.min-cultura.pt).

Passados dez anos da preservação da arte paleolítica do Vale do Côa, é possível hoje estabelecer uma relação objectiva entre a cronologia da realização de gravuras e as fases da ocupação humana da região durante o Paleolítico superior. As duas campanhas de escavação realizadas no sítio ao ar livre do Fariseu possibilitaram estabelecer o *terminus ante quem* das gravuras dum painel vertical, pelo conteúdo arqueológico e pela datação absoluta de vestígios provenientes dos níveis que a selavam, mas também a identificação do maior conjunto de arte sobre suporte móvel do território nacional, associado directamente a vestígios de fauna do final do Paleolítico superior.

"A verdade está no contexto"

A divulgação, em Novembro 1994, da descoberta de gravuras estilisticamente atribuíveis ao Paleolítico, conservadas ao ar livre no curso final do Vale do Côa, viu-se envolta em polémica logo desde o seu início. Em primeiro lugar, porque ela era divulgada em plena construção de um grande projecto hidroeléctrico, que era assim posto em causa. Uma outra questão, intimamente ligada com a primeira, dizia respeito à discussão sobre a fiabilidade do método estilístico para estabelecer a cronologia paleolítica desta arte.

Apesar da possibilidade de preservação de gravuras de estilo paleolítico ser considerada desde 1981, através da descoberta das gravuras de Mazouco e Domingo Garcia, Fornols-Haut (1985), Piedras Blancas (1987) e Siega Verde (1991), estes dados eram reme-

tidos a um silêncio desconfortável nas sínteses sobre a arte paleolítica. Indicador disso mesmo é o número de autores que tiveram a "coragem" de publicar pela primeira vez o cavalo de Mazouco como paleolítico – cinco. Não sendo o primeiro sítio, a identificação da arte paleolítica do Vale do Côa desencadeou assim uma "revolução copernicana" no mundo da arte paleolítica (ZILHÃO 1998), pelo seu contexto, mas sobretudo pela sua dimensão.

A atribuição da arte rupestre do Vale do Côa ao Paleolítico foi realizada, nesta primeira fase, com recurso à datação estilística, um método aplicado em toda a História da Arte, nomeadamente na paleolítica. No caso do Côa, recorreu-se sobretudo à comparação com as placas de Parpalló, datadas arqueologicamente (ZILHÃO 1995; 1998). Foram realizadas várias tentativas de datação directa, através de métodos experimentais ou com base em microfragmentos de matéria orgânica, mas os resultados foram vivamente criticados por arqueólogos, mas sobretudo pelos responsáveis de laboratórios de datação (SOARES 1995). Os resultados revelaram-se incoerentes e só forneceram idades mínimas para as gravuras.

Um dos argumentos utilizados pelos detractores do método da comparação estilística residia na ausência de sítios de ocupação atribuível ao Paleolítico na Meseta e, em geral, na área do interior peninsular. Iniciou-se então a primeira investigação sistemática com o objectivo de detectar eventuais vestígios de ocupação paleolítica no Vale do Côa, com vista a poder esclarecer o contexto e a cronologia desta arte. Nesse âmbito, identificaram-se em prospecção, com

base nos utensílios em pedra lascada, um mínimo de 15 sítios com ocupação do Paleolítico superior, dos quais nove foram escavados ou sondados (ZILHÃO 1998; AUBRY 2002). O estabelecimento da sequência de ocupação da região durante várias fases do Gravettense, Solutrense e Magdalenense, e a sua datação pelo processo TL (Termoluminescência – VALLADAS *et al.* 2001; MERCIER *et al.* 2001) permitiram demonstrar, já em 1997, que o mapa de repartição dos sítios na região ao Norte da Cordilheira central ibérica não correspondia à realidade, mas resultava em grande parte duma falta de prospecção.

Todavia, a demonstração da ocupação desta região durante diversas fases do Paleolítico superior só constituiu um índice suplementar em favor da validade das propostas de comparação estilística (AUBRY *et al.* 2002; ZILHÃO 2003), sem trazer os argumentos definitivos para permitir estabelecer uma relação directa entre estas fases e o momento de realização das gravuras conservadas nas vertentes do rio Côa e do Douro e daquelas que começavam a aparecer noutras bacias hídricas (BAPTISTA 2001).

Arte e ferramentas

Foi possível estabelecer essa relação objectiva em Dezembro de 1999, através de um golpe de sorte. Para permitir a construção da ponte internacional de Barca d'Alva, procedeu-se à secagem da barragem do Pocinho, que submerge os últimos quilómetros do rio Côa e parte da sua arte desde 1983.

Aproveitou-se então essa circunstância para prospector novamente o curso final do rio. Essa prospecção permitiu a identificação de um painel (rocha 1) no núcleo do Fariseu, incluído no conjunto de sítios de arte do Vale do Côa classificados um ano antes pela UNESCO, normalmente submerso pela albufeira. Aproveitando a janela de oportunidade, realizou-se uma sondagem junto ao painel. Sob uma espessa camada de sedimentos recentes, posteriores à construção da barragem do Pocinho, a sondagem evidenciou um outro conjunto de camadas arqueológicas que cobriam parcialmente um painel vertical, de quatro metros de largura por dois de altura, que se estendia para fora dos limites da escavação.

O painel encontrava-se intensamente ornamentado por 84 figuras gravadas, sobrepostas, com as linhas não patinadas, e foi levantado pelos técnicos do Centro Nacional de Arte Rupestre (BAPTISTA 2001). A frescura dos traços claros, contrastando com o fundo cinzento-escuro da rocha que aparecia por baixo dos sedimentos, e a notável profusão de figuras eram complementadas por novidades ao nível do bestiário, como o surgimento da camurça e de auroques machos.

Nos níveis que cobriam dois terços da superfície gravada do painel foram identificadas pontas e bar-

belas líticas idênticas às encontradas em sítios do centro de Portugal, mas também nos outros sítios do Vale do Côa, datados do final do Magdalenense (AUBRY 2002; AUBRY e GARCÍA DIEZ 2000). Em associação com estes vestígios, apareceram as duas primeiras placas de arte móvel figurativa conhecidas no vale (GARCÍA DIEZ e AUBRY 2002).

Alguns, sem conhecimento directo do sítio, sugeriram que os níveis de ocupação do Paleolítico superior estariam em posição secundária ou que os sedimentos relacionados com a submersão pela albufeira do Pocinho cobriam a totalidade da rocha gravada. As observações no terreno e a análise micromorfológica, da responsabilidade de Farid Sellami, comprovaram que nesta área da parte convexa do meandro, na margem protegida da erosão fluvial, localizada no ponto de junção entre a base da vertente e a planície aluvial, a acumulação dos sedimentos resulta da combinação e sucessão de dois processos, aluviais e coluviais. Acresce que o afastamento de cerca de seis metros acima do nível natural do rio protegeu os depósitos dos fenómenos erosivos. Os movimentos das placas de xisto associadas aos níveis de ocupação humana, provenientes da desagregação da vertente rochosa, estão orientados no sentido da vertente, mas o estudo microscópico das amostras de solo mostra que estes movimentos são de tipo superficial e laminar e não o resultado de movimentos em massa de sedimentos ao longo de vertente. A evolução pedológica e formação de solo nas unidades sedimentares vem também confirmar uma longa evolução *in situ*.

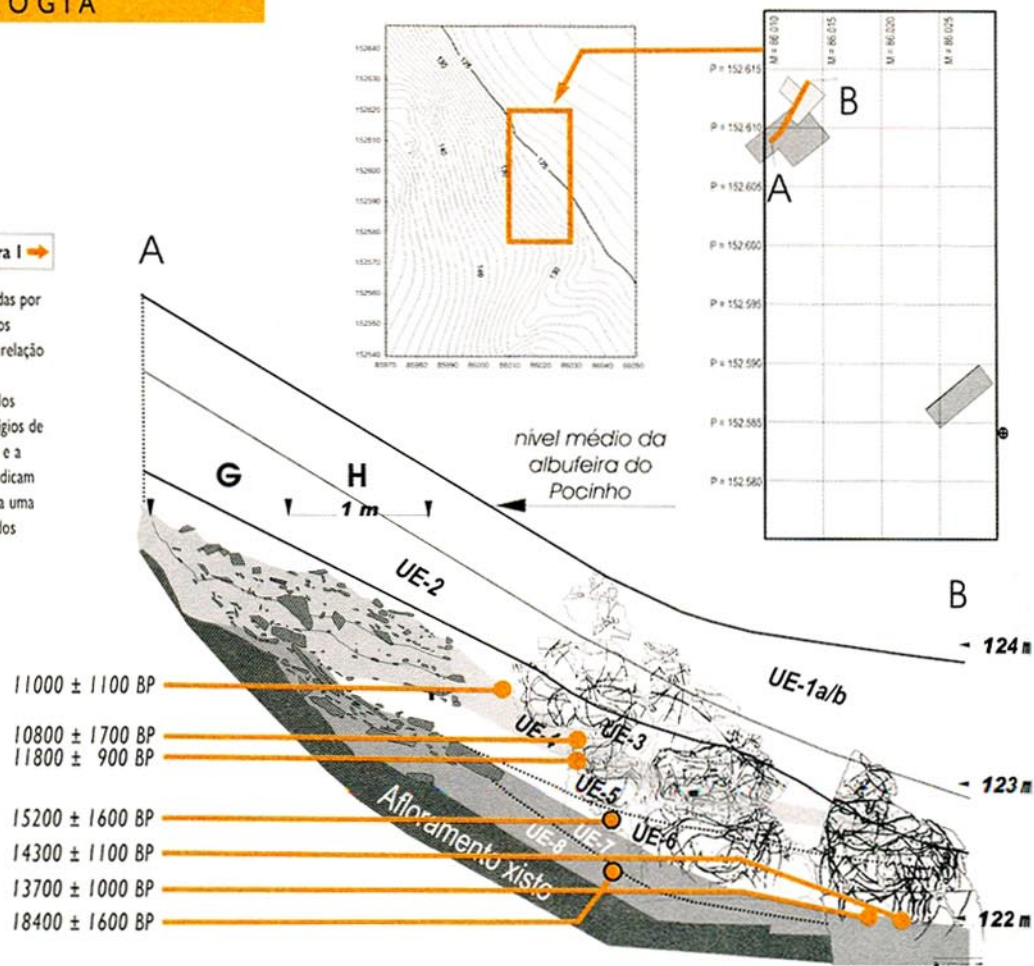
As datas absolutas e a confirmação

As datações por TL e OSL (*Optically Stimulated Luminescence*) recentemente publicadas (MERCIER *et al.* 2006), a partir de amostras recolhidas em 1999, confirmam igualmente a nossa interpretação dos processos de deposição e preservação dos depósitos. Os resultados integram-se todos no Tardiglacial, cerca de 11 000 BP, para o topo da sequência (camada 4), 14 500 BP para as camadas 6 e 7, e 18 400 BP para o fundo (camada 8) (Figura 1). Note-se que se obtiveram 14 datas, em ordem estratigráfica correcta, recorrendo aos métodos TL e OSL. Os dois métodos foram aplicados para as amostras de quartzo aquecido, provenientes das unidades 4b, 4e e 7, e os resultados obtidos pelos dois métodos, que correspondem ao último aquecimento e à última exposição a luz solar, são estatisticamente comparáveis, confirmando assim a posição primária dos objectos datados.

As datas obtidas pelos diversos níveis da sequência permitem posicionar dois momentos distintos de gravação no vale. Na camada 4 foram identificadas as duas placas de arte móvel, cujo estilo mais geométrico encontra paralelos em figuras gravadas

Figura 1

Posição estratigráfica das amostras datadas por TL (MERCIER et al. 2006) e dos sedimentos aluviais datados pelo processo OSL, em relação com as gravuras da rocha I do Fariseu. A sobreposição da base das gravuras pelos sedimentos e níveis que contêm os vestígios de ocupação durante o Paleolítico superior e a sequência da sobreposição das figuras indicam que a realização do painel corresponde a uma única fase gráfica, anterior à deposição dos sedimentos aluviais da unidade 5.



nos painéis do Côa. É possível assim encontrar um referente local para a datação desta fase estilística. Já o momento de deposição das camadas 6 e 7, cujo limite se sobrepõe parcialmente ao limite inferior da área de gravação, nos dá um *terminus ante quem* para a fase de gravação mais antiga do Vale do Côa, constituída pelas grandes sobreposições de figuras picotadas e abradidas.

Com estes resultados e a obtenção duma data mínima para as figuras gravadas da rocha, ficava contudo por esclarecer a relação entre a base desta sequência e o ou os momentos de gravação do painel.

Animais de pedra e osso

A breve sondagem de Dezembro de 1999 terminou com a subida das águas da albufeira do Pocinho. Submerso, o sítio voltou a estar inacessível para os trabalhos de campo. Realizou-se entretanto um conjunto de sondagens geológicas e geofísicas, com a colaboração do Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática. Estas sondagens permitiram determinar que os níveis detectados na sondagem de 1999 parecem ter continuidade e se estendem para lá das imediações do painel, numa área de, pelo menos, 300 m².

Os trabalhos de escavação foram retomados em 2005, após um abaixamento parcial do nível da albufeira do Pocinho até aos 123,5 metros, entre os dias

19 de Setembro e 14 de Outubro. Esta campanha foi apenas possível devido à colaboração da Rede Eléctrica Nacional e do Instituto Português e dos Transportes Marítimos.

Os trabalhos consistiram no alargamento, no sentido da vertente, da sondagem junto à rocha I. Esta sondagem veio confirmar a sequência estratigráfica definida em 1999, assim como a continuação do painel, tendo-se identificado um novo caprino, e um novo painel com gravuras, que, por se encontrar junto ao limite da sondagem, não foi possível escavar na totalidade, ou realizar o respectivo levantamento.

A descoberta dum bloco com impactos triangulares, numa área da sequência onde a distinção entre as unidades 7 e 8 não é clara, constitui um dado novo que permite estabelecer que a parede rochosa foi gravada antes ou durante a deposição da unidade 6. As características geológicas destas duas unidades foram interpretados por Farid Sellami como a consequência duma fase de desagregação da parede sob o efeito dos ciclos de gelo e degelo, conhecida noutras regiões como fase fria do Dryas antigo. Esta, datada de cerca de 15 000/16 000 BP pelo radiocarbono (¹⁴C), parece corresponder à data de 18 400 BP, obtida pelo topo da unidade 8, uma vez que os resultados por luminescência são equivalentes a uma data calibrada.

Realizou-se uma segunda sondagem para montante, de forma a confirmar os dados obtidos através das sondagens geológicas e geofísicas (Figura 1).

Esta área, onde os níveis Pleistocénicos foram escavados numa superfície de 6 m², proporcionou um conjunto de conhecimentos fundamental para a compreensão do sítio e de toda a arte do Côa. As observações de Farid Sellami permitiram estabelecer a correlação estratigráfica entre ambas as sondagens.

Para além disso, identificou-se, em densidade comparável nas duas áreas, o maior conjunto de arte móvel do território nacional, composto por mais de 50 placas gravadas, identificadas no interior da camada 4. As subdivisões definidas no seio desta unidade forneceram indústrias tipológica e tecnologicamente comparáveis, sugerindo, de acordo com as datas relativas ao fim do Tardiglacial obtidas, uma deposição rápida durante a fase fria do Dryas recente, relacionada com uma nova fase de destabilização das paredes rochosas.

As representações consistem em signos e figuras animais, gravadas sobre placas de xisto roladas, ou, mais frequentemente, provenientes da desagregação dos afloramentos das encostas. Estas placas foram frequentemente quebradas, queimadas e mesmo usadas como percutor ou bigorna, após a gravação. Estilisticamente, as figuras apresentam paralelos com algumas das representações dos painéis do Vale do Côa e do Douro (Figura 2).

Mas se a identificação de arte móvel era já expectável, o mesmo não acontecia com os restos de fauna. Directamente associados às placas gravadas, identificaram-se vestígios de veado, camurça, javali, coelho, esquilo e ave de espécie indeterminada, com vestígios de aquecimento e fractura para extracção da medula (Sónia Gabriel). Para além de mamíferos e aves, identificaram-se ainda restos de sável (P. Bérez). O Fariseu é assim o primeiro sítio do fim do Paleolítico superior ao ar livre em Portugal a evidenciar restos de fauna. Estes restos permitirão uma aproximação ao meio ambiente e modo de subsistência dos habitantes do final do Pleistoceno superior. Para além disso, pelo seu contexto, eles permitem o estabelecimento de relações entre a arte e o modo de vida dos últimos caçadores paleolíticos. Os restos de sável, permitem ainda vislumbrar uma sazonalidade para a ocupação do sítio, uma vez que este peixe sobe os rios para desovar durante a Primavera.

Poder-se-á finalmente estabelecer uma relação entre animais consumidos e gravados. Refira-se, a título de exemplo, o desconhecimento de qualquer figura de javali no Vale do Côa.

A descoberta de ossos na nova área escavada permitiu também, pela primeira vez, avaliar pelo método mais preciso do ¹⁴C, a cronologia da ocupação humana no Vale do Côa. Este método forneceu três datas: de 10 510 ± 40 BP e 9830 ± 130 BP, para duas amostras da base da unidade 4, e de 8930 ± 80 BP, num dente de camurça do topo da unidade 7. A equivalência dos dois primeiros resultados com os obtidos em sítios com o mesmo tipo de ponta lítica

indica que o último deverá resultar duma infiltração desde a unidade 4, que se apresenta em contacto com a 7 nesta área da escavação, e, por isso, ligeiramente subestimado. Os dois primeiros resultados, uma vez calibrados (*Cologne Radiocarbonte Calibration*, respectivamente C.A. CalBP 11 317 ± 222 e C.A. CalBP 12 454 ± 176), estão em perfeito acordo com os resultados da datação TL e OSL obtidos para a base da unidade 4 da sondagem realizada em 1999 (Figura 1), e os resultados de 11 600 ± 1200 BP, 11 900 ± 1100 BP e 12 700 ± 1000 BP, obtidos pelo processo TL para a unidade 3 do sítio de Quinta da Barca, que contém o mesmo tipo de ponta de dorso curvo.

Perspectivas para o futuro

No ano em que se comemoraram dez anos da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, a escavação do Fariseu vem possibilitar um conjunto de conhecimentos e reforçar os argumentos avançados no momento da conservação *in situ* e da classificação na lista do Património Mundial da UNESCO destes conjuntos de arte gravada.

Entre os resultados obtidos, salienta-se obviamente a primeira datação objectiva das fases gráficas de um painel rochoso e suporte móvel do Vale do Côa, o que acontece também pela primeira vez para toda a arte paleolítica ao ar livre conhecida na Península Ibérica e no Sul da França. Esta datação vem reforçada pelo facto de ter sido realizada através de três métodos diferentes (TL, OSL e ¹⁴C), mas com resultados concordantes. Se a datação estilística da arte paleolítica tem vindo a sofrer contestação devido à utilização de métodos experimentais de datação directa, os dados do Fariseu vêm comprovar, de forma definitiva, a atribuição ao Paleolítico superior da arte rupestre do Vale do Côa.

Para além de atestar definitivamente esta atribuição genérica, os dados agora publicados permitem distinguir pelo menos duas fases na arte paleolítica deste vale. Uma mais recente, datada à volta dos 10 000 anos BP, em dados do radiocarbóno, composta por arte parietal e móvel. É contudo interes-

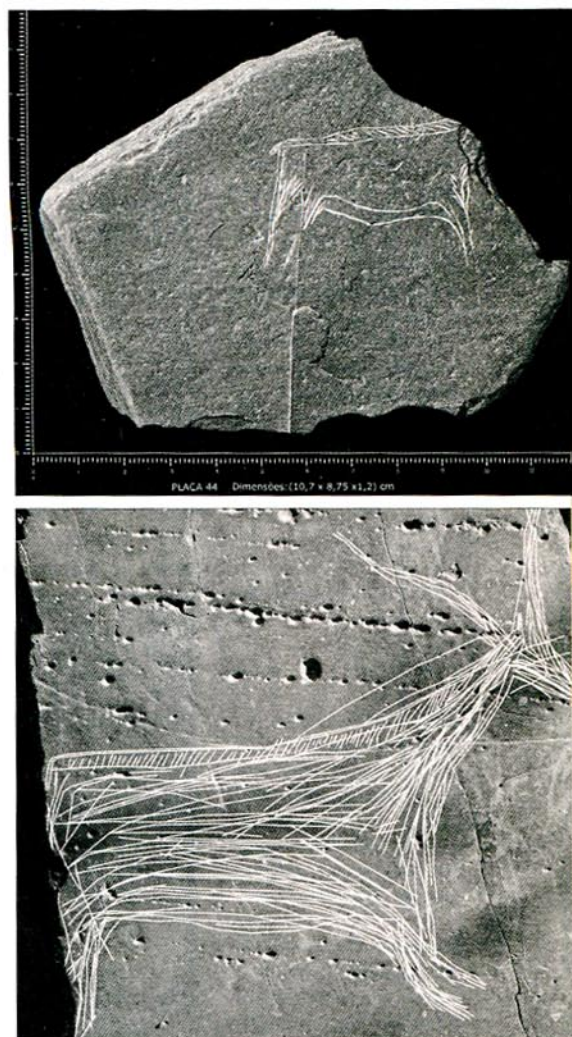


Figura 2

Em cima, uma das plaquetas descobertas na unidade 4, associada a ossos datados de cerca de 10 000 BP por ¹⁴C, proveniente do sector escavado em 2005. Comparação com uma figura realizada por incisão fina na rocha 16 do Vale de José Esteves (em baixo), que apresenta a mesma convenção na representação da linha de dorso (dimensões máximas da figura: 18,2 x 17,4 cm). Desenhos realizados a partir de fotografia, encontrando-se o CNART a realizar os levantamentos directos das figuras.

sante notar que esta fase, comum sobretudo na envolvente da foz do Côa e Douro, está ausente da rocha 1 do Fariseu. Para a fase mais antiga, que corresponde às figuras picotadas e abradidas da rocha 1, é definida uma idade mínima de 14 500 anos, mas fica por saber quão anterior é a gravação em relação a essa idade mínima. A identificação dum fragmento de parede com vestígios de impactos na camada 7, leva a supor que a data possa ser mais antiga, estando relacionada com uma ocupação de cerca de 15 000 a 16 000 BP, ou mesmo mais antiga ainda, como sugerido pela descoberta de picos com uma extremidade de forma triangular, na ocupação gravettense da Olga Grande. Este problema só será resolvido com uma descida do nível das águas da albufeira do Pocinho a níveis inferiores à cota 121, para onde provavelmente se desenvolvem os depósitos que poderão conservar os vestígios de ocupação mais antigos.

A escavação do Fariseu permitiu ainda a identificação dos primeiros restos de fauna do final do Pleistoceno ao ar livre no território nacional e a associação da actividade artística com actividades de subsistência.

Para além da definição da cronologia da primeira fase de gravação, a continuação dos trabalhos do Fariseu poderá permitir a identificação de mais vestígios de arte móvel. Para se avaliar o potencial

do sítio, o estudo geoarqueológico definiu uma área de preservação de vestígios de, pelo menos, 300 m². Se relacionarmos este dado com o facto de numa área de 15 m² se terem identificado mais de 50 placas gravadas, teremos uma noção do potencial de informação do sítio. Para além da arte móvel, é segura a existência de, pelo menos, mais um painel gravado, no sector a jusante, e da continuação da rocha 1 no sentido do rio. Será também de esperar a conservação de mais vestígios faunísticos no sector a montante.

Mas, para além de mais do mesmo, será importante identificar eventuais estruturas relacionadas com as rochas gravadas ou com actividades aí desenvolvidas nos dois momentos de ocupação. Por razões de topografia, a zona de preservação preferencial localiza-se a uma cota inferior. Essa será uma área fundamental para a interpretação do sítio. Para o seu estudo, será necessário esvaziar quase por completo a albufeira do Pocinho, com os consequentes custos em termos de diminuição da produção eléctrica, indemnizações às empresas de viagens fluviais no Douro e dificuldades no abastecimento de água às populações. Para que tal se realize, será necessária a mesma vontade, e confiança na validade dos métodos da Arqueologia, que um dia conseguiu parar uma barragem.



Bibliografia

- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SAMPAIO, J. D. e SELLAMI, F. (2002) – “Open-Air Rock-Art and Modes of Exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. York. 76 (62-76).
- AUBRY, Thierry (2002) – “Le Contexte Archéologique de l’Art Paléolithique à l’Air Libre de la Vallée du Côa”. In SACCHI, D., ed. *L’Art Paléolithique à l’Air Libre: le paysage modifié par l’image (Tautavel, Campôme, 7-9 octobre 1999)*. Saint-Estève: GAEP. GEOPRE, pp. 25-38.
- AUBRY, Thierry (2006) – “Vallée du Côa: un art préhistorique unique”. *Archéologia*. Dijon. 436: 62-71.
- AUBRY, Thierry; BAPTISTA, António Martinho (2000) – “Une Datation Objective de l’Art du Côa”. *La Recherche*. Bruxelles. Hors Série, 4: 54-55.
- AUBRY, Thierry; GARCÍA DIEZ, Marcos (2000) – “Actualité sur la Chronologie et l’Interprétation de l’Art de la Vallée du Côa (Portugal)”. *Les Nouvelles de l’Archéologie*. Paris. 82 (4e trimestre): 52-56.
- BAPTISTA, António Martinho (2001) – “The Quaternary Rock Art of the Côa Valley”. In ZILHÃO et al. 2001: 237-252.
- BAPTISTA, António Martinho (2001) – “Trabalhos do Centro Nacional de Arte Rupestre”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série, 10: 201-203.
- GARCÍA DIEZ, Marcos e AUBRY, Thierry (2002) – “Grafismo Mueble en el Valle del Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu”. *Zephyrus*. Salamanca. 55: 157-182.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, L.; JORONS, Jean-Louis e AUBRY, Thierry (2001) – “Application de la Méthode de la Thermoluminescence à la Datation des Occupations Paléolithiques de la Vallée du Côa”. In ZILHÃO et al. 2001: 275-280.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis e SELLAMI, Farid (2006) – “Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. York. 80: 310.
- SOARES, António Monge (1995) – “Os Charlatões do Côa”. In JORGE, V. Oliveira, ed. *Dossier Côa*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4): 423-426 (separata especial).
- VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, L.; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis e AUBRY, Thierry (2001) – “TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal)”. *Quaternary Science Reviews*. Oxford. 20 (5-9): 939-943.
- ZILHÃO, J.; AUBRY, T. e CARVALHO, A. F., ed. (2001) – *Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique (Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP, Vila Nova de Foz Côa, 22-24 Octobre 1998)*. Lisboa: IPA.
- ZILHÃO, João (1995) – “The Age of the Côa Valley (Portugal) Rock-Art: validation of archaeological dating to the Paleolithic and refutation of ‘scientific’ dating to historic or proto-historic times”. *Antiquity*. York. 69 (266): 883-901.
- ZILHÃO, João (2001) – “Arte Paleolítico Datado por Depósitos Arqueológicos em Fariseu (Vale do rio Côa, Portugal)”. *Panel: Revista de arte rupestre*. Sevilha. 1: 102-103.
- ZILHÃO, João (2003) – “Vers une Chronologie Plus Fine du Cycle Ancien de l’Art Paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail”. In BALBIN, R. de e BUENA RAMÍREZ, P., ed. *El Arte Prehistórico Desde los Inicios del Siglo XX: primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.
- ZILHÃO, João, ed. (1998) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.